

Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular – 3º Ano
Inventário Jongo em Angra dos Reis
Comunidades: Bracuí, Mambucaba e Morro do Carmo

Período

19 a 22 de novembro de 2003

Pesquisa

Carla Ramos

Cléo Vieira

Rita Gama

Primeiro contato para realização da pesquisa

Délcio Bernardo – funcionário do ATENEU; e integrante do Movimento de Consciência Negra Ylá-Dudu.

Relatório de Cléo Vieira

1. ATIVIDADES REALIZADAS

1.1. Mobilização da comunidade para a relevância do Inventário do Jongo

Para realização da pesquisa de inventário do jongo em Angra dos Reis(RJ), contamos com o apoio de Délcio Bernardo, membro de uma família tradicional de jongueiros. Seu irmão Rosalvo Bernardo é jongueiro sempre citado como referencia do jongo, este reside com sua família na localidade de Bracuí; sua “tia Luiza” é jongueira conhecida na região, e mora no Morro do Carmo. Além de jongueiro Délcio é integrante do Movimento de Consciência Negra Ylá-Dudu; e funcionário do ATENEU, instituição privada que funciona com verbas da Eletronuclear. Délcio tem papel fundamental para a revitalização do jongo em Angra, pois é ele que articula com os jongueiros para realização das rodas, os eventos de apresentação do grupo em encontros como o de Guaratinguetá, consegue verba para confecção das indumentárias e deslocamento das pessoas, etc. Um fato que chama atenção no grupo de jongo de Angra, é que a liderança é dada por uma pessoa jovem, diferentemente das outras localidades, podemos citar como exemplo, o grupo de Miracema, liderado por dona Aparecida Ratinho.

O fato de Délcio estar em horário de trabalho foi o primeiro complicador para o andamento da pesquisa, pois ele não poderia deixar de realizar suas atividades rotineiras para conversar conosco.

Neste período estava acontecendo em Angra a Semana de Consciência Negra – mais um fato complicador para o acesso a casa dos jongueiros da região – paralelamente o grupo de Consciência Negra Ylá-Dudu estava organizando uma série de eventos, dentre eles uma apresentação de roda de jongo, de capoeira e uma atração musical, na Praça do Cais do Porto, no dia de Zumbi (20/11). Délcio demonstrou ser o articulador principal para a concretização das atividades, pois ele teria conseguido verba para compra de matéria-prima para confecção das indumentárias das jongueiras; ônibus para levar as comunidades para participar do Encontro de Jongueiros em Guaratinguetá – adquirindo tais financiamentos junto à empresa Eletronuclear.

Fazia parte da programação do evento a exibição do vídeo *Na rota dos orixás* no SEPE (Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro) – espaço que também funciona como sede para os encontros do Grupo Ylá-Dudu. Neste mesmo espaço, em virtude da Semana de Consciência Negra, estava montada uma exposição de esculturas de orixás, destacando imagens de Iemanjá, Xangô, Oxun, dentre outros. Eram peças feitas com papel machê, na cor dourada, estas foram fotografadas, por de alguma forma, ter algum tipo de relação com o jongo (pelo menos para alguns jongueiros que tem vínculos com alguma religião afro-brasileira).

Após a exibição do documentário abriu-se espaço para debate; estavam presentes no evento os integrantes do Grupo Ylá-Dudu, pais de santo de terreiros locais, representantes da Eletronuclear, etc. A participação de representantes do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular foi importante para apresentação de modo superficial do Projeto Jongo no Sudeste, e detalhar nosso trabalho em Angra. Neste momento algumas pessoas presentes se manifestaram, dando sugestões e apontavam possíveis levantamentos a serem vinculados ao jongo. As colocações que mais chamaram atenção foram de Cristina, Maria do Carmo e de Seu Petrúcio. Segundo relato, Maria do Carmo era filha de seu Joaquim Pereira. Este por sua vez, era considerado artesão e comparado a Joaquim Gabriel – artista que construiu a Casa da Flor. Seu Joaquim Pereira construiu um Monte Castelo, no alto do Morro do Castelo, após sua morte a viúva e uma de suas filhas decidiram que deveriam buscar pelo tombamento da construção, a justificativa para tal iniciativa é a de que o próprio havia erguido a construção. O artista construiu

o espaço com sobras de materiais de construção e não com objetos velhos e quebrados como havia sido o projeto de Joaquim Gabriel; outra questão levantada foi o tombamento da Festa de São Benedito, pois esta seria, segundo os informantes, a única irmandade existente, todas as outras estavam desarticuladas. Enfim, todos queriam apontar possíveis bens associados a serem incorporados ao Inventário do Jongo.

Em entrevista com Délcio podemos observar como se deu a decadência do jongo na região; e quais são as maneiras utilizadas para revitalização da dança. Ele nos relatou que não há apoio das instituições públicas locais em ajudar a divulgar o jongo enquanto manifestação cultural tradicional, o auxílio obtido é da Eletronuclear (como, em virtude do Encontro de Jongueiros a referida instituição ajudou no aluguel do transporte e na compra de matéria-prima e na confecção das indumentárias). A Eletronuclear é uma empresa que tem como parte do corpo de funcionário jongueiros das três localidades.

No decorrer de seu relato Délcio disse que a maioria dos jongueiros mais antigos morreu devido ao envolvimento com o alcoolismo e que este problema pode ser observado em ambos os sexos. E que essa perda acarretou no enfraquecimento da preservação da manifestação.

A retomada da tradição de se dançar o jongo se dá por iniciativas, ainda prematuras, do Grupo Ylá-Dudu. E a forma encontrada para convidar os mais jovens a preservarem a tradição de dançar jongo ocorre via capoeira. Pois, podemos observar que os mais jovens sentem vergonha de dançar o jongo, devido ao fato de algumas pessoas associarem a dança à macumba.

No dia 20, Délcio estava organizando o evento da Praça do Cais do Porto, surgiram alguns imprevistos que não permitiram colocar em prática o mapeamento do campo, como visitas as casas dos jongueiros.

Por esse motivo a equipe dividiu-se para poder dar sequência ao trabalho. Uma integrante da equipe (Rita) aproveitou a ida de Délcio as comunidades para a convocação do encontro em Guaratinguetá, e tentar coletar materiais – entrevistas e fotografias – para os preenchimentos das fichas e questionários do inventário. As demais integrantes da equipe (Cleo e Carla) após Délcio fazer contato com seus familiares, foram encaminhadas para o Morro do Carmo. Mais precisamente as casas de tia Luiza e de seu Carmo para conversar sobre o jongo.

1.2. Visita a casa de “tia Luiza” e família

Délcio nos levou de carro até uma certa altura do morro, neste local estava esperando por nós o Júnior, seu sobrinho que aparentava ter uns 8 anos de idade, e foi ele que serviu de guia até a casa de “tia Luiza”.

Enquanto aguardávamos do lado de fora de sua casa, observávamos que sua moradia era um barraco extremamente pobre e pequeno. A casa deve ser composta por dois ou três cômodos no máximo, a estrutura física revelava a precariedade com que a construção foi erguida.

Donária, uma das filhas de “tia Luiza”, recebeu a equipe em sua varanda enquanto sua mãe almoçava. Logo se interessou em saber qual o objetivo do inventário. Ela demonstrou muito entusiasmo quando falava de jongo. Porém suas informações não constam em nossos registros audiovisuais, pois segundo a própria ela “não pertencia mais às coisas mundo”, ou seja, não mais participava dos eventos relacionados ao mundo profano. Havia entrado para a Igreja protestante a mais ou menos 10 anos, sendo assim não poderia falar dessas coisas, deixasse que sua mãe responderia a todas as questões referentes ao jongo. Mas embora não quisesse gravar entrevista continuou a falar do jongo de modo geral.

Nesse meio tempo “Tia Luzia” terminou de almoçar e subiu – sua casa fica aproximadamente 50 metros de distancia da casa de Donária.

Em entrevistas anteriores com jongueiros locais é perceptível que falar de jongo em Angra remetia a lembrança de alguns ícones desta tradição, dentre os nomes mencionados estavam o de Tia Luiza. Maria Luiza do Rosário, conhecida como tia Luiza, nasceu em 2 de dezembro de 1927 – tem hoje 76 anos, e vários problemas de saúde, causa principal que não lhe permite dançar. A jongueira passou por dois derrames, sofreu uma queda que complicou ainda mais a sua dificuldade de poder se deslocar dos lugares. Segundo relato da própria:

“não estou mais aproveitando nada na vida. Já aproveitei ... mas hoje está difícil. Se eu não passasse mal como eu tenho passado, Ah! minha filha! eu dizia, eu tô aí com vocês até amanhã”. (Entrevista com tia Luiza)

Quando “tia Luiza” começou a falar do jongo era como que a conversar lhe permitisse voltar no tempo e lhe fizesse lembrar desde a sua primeira dança de jongo até aos tempos que

dançava no terreno ao lado de sua casa – naquele momento parecia ter apagado de sua mente a impossibilidade de não mais poder dançar.

Ela contou que começou a dançar desde muito pequena, disse que desde a idade de sua neta de 4 anos que estava presente no espaço. Falou que os mais velhos faziam as rodas e as crianças ficavam em volta, esperando pela oportunidade de serem inseridas na dança. Pois era preciso muito respeito para com os mais velhos, não era permitido de forma alguma desrespeitá-los.

“Tia Luiza” achou que para relatar o que significava o jongo para ela seria preciso, para ajudá-la, chamar uma de suas filhas, Maria do Carmo de Campos (conhecida pelo apelido de Cacaia – de 56 anos de idade – hoje também pertencente à Igreja Protestante, só que por um período menor, de cinco anos). Para falar de forma mais detalhada da dança, “tia Luiza” juntamente com sua família fez uma pequena demonstração de uma roda de jongo – com direito a tambor, cantos de ponto de jongo e dança.

Maria do Carmo chegou e começou a falar da representação do jongo para ela, diferente de Donária, ela não demonstrava receio, por ser da igreja, em falar do jongo. Cantou vários pontos – são chamados de pontos os cantos em códigos realizados a partir da batida de mão no tambor – e paralelo a isso ia dizendo os seus significados (ou seja, diziam o que de fato queriam dizer aqueles cantos em códigos – porém isto pode ser muito relativo, pois existem relatos de duas pessoas cantando um mesmo ponto e dando dois significados diferentes para o canto).

Para animar os cantos Maria do Carmo chamou seus filhos e pediu que trouxessem um tambor. Aos poucos a varanda da casa de Donária foi se transformando numa local de roda de jongo, a vizinhança foi se aproximando, e rapidamente não tinha mais espaço para circular na varanda. Algumas crianças que chegavam perguntavam se aquilo era macumba, Donária, demonstrando sempre muita preocupação, respondia que aquilo não tinha nada haver com macumba, que aquilo era jongo.

Donária que não queria gravar entrevista e nem mesmo ser fotografada ia de dentro de casa lembrando de alguns pontos e paralelo a isso dizia que a dançar era fácil, bastava apenas rodar.

Parecia que aquelas lembranças estavam fazendo um enorme bem a tia Luiza, pois toda a dificuldade em permanecer por muito tempo de pé, naquele momento parecia não mais existir, ela fazia um esforço enorme para não se sentar e tentava dar pelo menos uma única rodada, mas

infelizmente sua limitação física não permitia tal esforço. Era tão visível sua alegria que ficava o tempo inteiro com um enorme sorriso no rosto.

A satisfação foi tanta que Maria do Carmo sugeriu fazer uma roda de jongo exclusivamente para nós pesquisadores, então agendaram para o dia 29 de novembro, seria no final de semana seguinte.

Sáímos de lá na companhia de Luis Paulo (filho de Maria do Carmo) que nos encaminhou até a casa de seu Carmo. Chegando lá fomos recebidas Alcione (uma das netas de seu Carmo) e Cristina (sua filha). Eram mais de quatro horas da tarde e ele estava almoçando, então sugeriram que voltássemos no dia seguinte pela manhã, pois seu Carmo geralmente passa mal após o almoço. Então combinamos de voltar na manhã do dia seguinte para conversarmos com seu Carmo.

1.3. Visita a casa de seu Carmo

Na sexta-feira, logo pela manhã, seguimos para a casa de seu Carmo.

A entrevista com seu Carmo não foi muito diferente da conversa com tia Luiza, o jongueiro tinha muito que falar. No início não demonstrou tanto entusiasmo em querer conversar sobre o jongo com pessoas desconhecidas, que estavam ali perturbando o seu sossego, seu entusiasmo era facilmente percebido.

Seu Carmo nos contou de sua experiência como ex-combatente da 2ª Guerra Mundial e paralelo a isso ia relatando sua vivência no jongo. Perguntávamos sobre os tais feitiços e mistérios relacionados à roda de jongo. E ele nos respondia dizendo que esse tipo de coisa não acontecia no jongo, que nós estávamos confundindo jongo com macumba. Embora dissesse isso, em um outro momento falava que antes de entrar em uma roda de jongo fazia pedidos a Nossa Senhora Aparecida – sua santa de devoção – para lhe proteger. Nos relatou ainda que ouviu falar que um dia, em uma determinada roda de jongo, um homem zombou de uma jongueira velha, então esta para não dar na vista, deu uma rodada de saia e falou para si mesma um ponto que deixou o homem de quatro e comendo capim como um animal. E que o homem só voltou ao normal após a vontade da jongueira velha. Seu Carmo disse nunca ter visto algo desse tipo, mas relatou que alguém lhe havia contado sobre este caso.

O jongueiro, assim como ‘Tia Luiza’, não mais saía do morro, pois a doença física também o impossibilita de andar sozinho por outros lugares – tem catarata e não enxerga direito, vê apenas vultos. Em alguns momentos demonstrava uma certa frustração em ter que depender de terceiros para sair de casa; outro fato que também o angustiaava é de não poder dançar o jongo. Em um trecho da entrevista essa observação pode ser constatada:

“Então vocês sabem de uma coisa, a doença se torna uma prisão, aquilo que agente quer fazer, não pode fazer, porque ela não deixa”. (Entrevista com seu Carmo Moraes)

Na metade da entrevista Alcione chegou e pode participar. Ela nos disse que gostava de olhar o jongo, mas que sentia vergonha de dançar, pois achava o jongo parecido com a macumba, e não gostava daquilo. Nos relatou que por diversas vezes brigava com sua avó por esta estar cantarolar folias e pontos de jongo, segundo Alcione, sua avó amanhecia o dia cantando. Disse também que Seu Carmo juntamente com sua esposa formavam um casal alegre, pois os dois eram verdadeiros adeptos das festas tradicionais – folia, jongo, etc.

Para finalizar a entrevista seu Carmo realizou um jogo com rimas. Antes de sairmos sua neta comentou que nossa visita tinha feito um bem enorme a ele, pois há muito tempo não via seu avô tão feliz.

“Vamos cantar umas parola? Uma parola já é uns versos assim que precisa as pessoas ter muito idéia para poder dizer aquela [...]. É quase assim, como é que se diz assim, espera aí. Tem que prestar muita atenção no que eu vou falar. É assim quer ver? Acho que vocês conhece o que é, é feio agente chamar bicho, então vamos dizer assim, bichinho, fica um negócio, uma palavra assim mais leve, bicho não é uma palavra feia? Então agente dissemo assim, bichinho, que agente vai entrar (?) nesse meio, então eu acho que aquilo agente fica sem jeito inte de falar porque acha assim umas coisas assim tão pesadas. Ela quer que fale isso assim, quer ver?”

Senhores, senhores me dão licença que eu vou cantar minha parola:

Número um deu avestruz,

Começou o meu jogo agora

Os dois deu na águia que põe o ovo (?)

O três deu no burro

Que anda pode de escola

O quatro deu na borboleta

Que fez verão e foi embora

O cinco deu no cachorro

Que late fora de hora

O seis deu na cabra

Que dá leite pra quem chora

O sete deu no carneiro

Bicho de Nossa Senhora

*O oito deu no camelo
que pego o peso sem demora
O nove já deu na cobra
Que dá o bote e desenrola
O dez deu no coelho
Comendo capim d'angola
O onze deu no cavalo
Que trai a (?)
O doze é o elefante
Que dá tromba faz duas bolas
O treze é o galo
Que na perna trás a espora
O quatorze é o gato
Que tem faca não amola
O quinze é o jacaré
Nada com o ombro de fora
O dezesseis deu o urso
lá no mato da chapola
O dezessete deu macaco
Em qualquer pau se engaiola
O dezoito deu no porco
Tampado na caçarola
O dezenove deu o pavão
No peito traz água fora
O vinte deu no peru
Não papa a galinola
O vinte e um deu no touro
Pegado perto da tora
O vinte e dois deu no tigre
Deitado perto da senhora
Vinte e três deu no urso
Brincando com quatro bola
Vinte e quatro no veado
Para correr ta tarado
E o vinte e cinco deu na vaca
O meu jogo ta terminado.
Vinte e seis deu a velha
Dentro do quarto fechado
Foi a velha pro inferno
Foi a moça pro sagrado". (Entrevista realizada com seu Carmo Moraes em
Angra dos Reis – RJ)*

A conversa foi bastante proveitosa, pois as informações coletadas foram de grande relevância para o Inventário do Jongo.

1.4. Participação no VIII Encontro de Jongueiros

Chegamos em Guaratinguetá por volta das 21:00 horas, nos instalamos no Kafé Hotel e fomos ao local onde estava ocorrendo à abertura do encontro. Era um auditório enorme, em um palco, sentados a uma mesa estavam presentes líderes das comunidades jongueiras. Chegamos no final das falas, mas podemos ouvir alguns jongueiros falando da importância de se ter crianças no jongo, isto seria como uma espécie de iniciativa para não deixar o jongo acabar. Isto ficou reforçado no fechamento das falas com o canto da comunidade de Tamandaré:

“Saravá jongueiro velho

Que veio pra ensinar

Que Deus dê proteção pra jongueiro novo

Pro jongo nunca acabar” (canto visto no vídeo Feiticeiros da

Palavra- trabalho realizado por Paulo Dias na comunidade de

Tamandaré).

Uma imagem chamava atenção naquele momento, surge numa cadeira de rodas e sem uma das pernas dona Tó, jongueira velha que gravou um depoimento belíssimo sobre o jongo no vídeo realizado na Comunidade de Tamandaré. Mas o fato de não mais poder rodar, dançar, não era obstáculo para ela manifestar seu amor pelo jongo. Mesmo na cadeira, mexia com a parte superior do corpo e cantava, sua emoção contagiava. Na manhã seguinte seguimos cedo para o Recinto de Exposições “Manoel Soares de Azevedo” da Prefeitura Municipal de Guaratinguetá, local situado na Rodovia Presidente Dutra, Km 62, onde aconteceria o encontro com a apresentação das seguintes comunidades jongueiras: Angra dos Reis (RJ), Barra do Piraí (RJ), Miracema (RJ), Santo Antonio de Pádua (RJ), Rio de Janeiro (RJ), São José da Serra (RJ), Guaratinguetá (SP), Lagoinha (SP), Pinheiral (SP) e Piquete (SP). O encontro foi dividido em dois momentos: pela manhã realização de oficinas das comunidades presentes; e a noite apresentação de rodas de jongo dos grupos.

As oficinas

As comunidades iam dando início aos trabalhos ao lado de um palco, próximo a este foi improvisada uma arquibancada para o público presente. O representante do grupo fazia uma apresentação da sua comunidade, contava como o jongo era realizado, cantava pontos de jongo e paralelo ao canto dizia o seu significado, e ao mesmo tempo em que tudo isso acontecia, a comunidade ia acompanhando o desenrolar da apresentação dançando.

A proposta das oficinas era realizar um panorama geral da diversidade do jongo presente nas várias comunidades que vieram para o encontro.

Neste espaço de oficinas o público pertencente e não pertencente das comunidades podiam entrar na roda e tentar aprender a dançar o jongo.

As comunidades eram muito diferentes uma das outras, essa diversidade, particularidade e singularidade era observável por diversos ângulos, sendo eles: variação no número de integrantes; quantidade de crianças presentes nas rodas; indumentárias usadas; encontramos instrumentos musicais desde os construídos artesanalmente aos produzidos nas fábricas.

Enquanto os grupos se apresentavam, o almoço era preparado; a fogueira era montada; e nós juntamente com Marcos André – responsável pela ONG que trabalha com o Jongo da Serrinha (RJ) – íamos recolhendo as assinaturas para pedido de registro do jongo enquanto referencia cultural e sua inclusão no Livro Forma de Expressão do Patrimônio Imaterial.

Após o termino das oficinas e entre a apresentação de rodas de jongo das comunidades, conseguimos realizar entrevistas com alguns jongueiros de Bracuí.

As rodas de jongo no VIII Encontro de Jongueiros

A comunidade que abriu o Encontro foi os jongueiros de Angra dos Reis, como já havíamos assistido sua apresentação no centro de Angra tínhamos a noção do que seria exibido. A comunidade é a única no evento que trás uma mulher tocando tambor. Luciana está iniciando o aprendizado; ela vem de uma tradicional família de jongueiros, é filha de seu José Adriano e dona Clotilde, e neta de dona Maria Romão – pessoas de referência no jongo. Os pontos foram puxados por Guachi (residente de Bracuí e foi entrevistado no Encontro), seu Jadir e seu Rosalvo.

O jongo de São José da Serra destaca-se pelo número de integrantes, e pelos instrumentos musicais artesanais. Embora estivesse a presença de crianças, a maior parte eram pessoas mais velhas. Outro grupo que se assemelha a este é a comunidade de Santo Antonio de Pádua.

A comunidade jogueira de Tamandaré eram os donos da casa. O que podemos observar de específico neste grupo é que tem pessoas não se identificando como jogueiros, ouvimos um senhor comentando que ele apenas gostava de dançar o jongo, mas que ele não era jogueiro, e sim macumbeiro. Este é outro grupo também formado por pessoas aparentando ter mais de 30 anos de idade.

O grupo de jogueiros de dona Aparecida Ratinho realizou uma apresentação onde todos os participantes eram mulheres. Provavelmente, por estes estarem vinculados a um terreiro de macumba, em um determinado momento, observamos uma senhora entrando em um outro estágio e conseqüentemente manifestando a presença de uma entidade. O grupo procurou continuar a apresentação, mas ao mesmo tempo, tentando controlar a situação. Neste momento lembramo-nos do relato de dona Aparecida no momento em que aconteciam as oficinas. Ela contou um caso de uma pessoa que havia recebido seu guia no meio de uma apresentação, e que o grupo preocupado, tentou contornar a situação de tal forma, que o rapaz foi encaminhado para o hospital com suspeita de ter sofrido um ataque epilético.

Uma novidade neste encontro era a presença de jogueiros vestidos em trajes sertanejos.

Circulando pelo espaço onde estava acontecendo o encontro, podíamos observar além da diversidade dos grupos, os comentários entre os integrantes a respeito dos outros jogueiros.

Fora do galpão onde acontecia às apresentações, havia sido montada uma enorme fogueira, fomos ficar ali porque estava muito frio e queríamos nos aquecer. Ali podemos ouvir comentários a respeito da maneira de se tocar tambor no jongo. Esses jogueiros diziam que segundo os mais velhos o som deveria ser assim e assado, o outro questionava, pois segundo seus ensinamentos o procedimento correto era outro.

Essa forma de questionamento apareceu também em uma entrevista que realizamos com seu Geraldinho (jogueiro de Angra dos Reis e morador de Bracuí), se referindo ao batuque do tambor ele dizia o seguinte:

“olha lá ... ponto de macumba ... não é ponto de jongo ... o tambor do jongo chama atenção de você longe ... não é batida assim não, tipo de samba de carnaval ... não é assim não ... você vai vê lá uma hora que nós vamos fazer lá ... tem festa numa Igreja ...” (Entrevista com seu Geraldinho)

A sensação que tivemos ao tentar analisar qual o papel do Encontro de Jongueiros para as comunidades, foi um evento que além de ser uma maneira de manter viva a tradição, funciona como espaço de apresentação das identidades e singularidades dos grupos. Desta forma, observamos o Encontro como algo que deve ser preservado em prol da continuidade da tradição cultural de tais grupos.

Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular – 3º Ano
Inventário Jongu em Angra dos Reis
Comunidades: Bracuí, Mambucaba e Morro do Carmo

Período

16 a 19 de dezembro de 2003

Pesquisa

Cléo Vieira

Elizabete Mendonça

Relatório de Cléo Vieira

1. ATIVIDADES REALIZADAS

1.1. Conquista de confiança perante a Comunidade Jongueira de Angra dos Reis

Nesta segunda ida a campo primeiramente retomamos o contato com Délcio Bernardo. Após conversa com Délcio, podemos observar o quanto estava sendo válido nosso retorno a campo. Diferentemente do nosso primeiro contato, desta vez ele estava com tempo para colaborar com nosso trabalho. Indicou do acervo do ATENEU material referente à história de Angra dos Reis e Mambucaba para tirarmos cópias e reservou parte da manhã do dia seguinte - seu dia de folga destinado a desenvolver sua monografia - para nos levar as outras localidades que não visitamos no campo anterior.

Em seguida retornamos ao Morro do Carmo.

1.2. Retorno às casas de tia Luiza e de seu Carmo

Desta vez, por já conhecer o caminho, não precisamos da ajuda do Délcio para nos conduzir até ao Morro do Carmo.

Durante a subida do Morro encontramos Cristina, filha de seu Carmo, perguntamos se ela lembrava de nós e se poderíamos ir até sua casa para revermos seu Carmo, ela respondeu que sim, seguimos então conversando sobre seu pai. Quando chegamos lá, seu Carmo estava

dormindo, sugerimos que ele não fosse acordado, e que nós iríamos até a casa de Tia Luiza, e que retornaríamos mais tarde.

Subimos o restante do Morro em direção a casa de tia Luiza. Diferentemente da visita anterior, ficamos desta vez na casa de tia Luiza, que se encontrava sozinha. Quando esta nos viu demonstrou alegria em nos rever, pediu que entrássemos e logo chamou Donária. Donária ao chegar logo tratou de chamar Maria do Carmo. Conversamos um pouco, tiramos fotografias, e semelhante à outra visita, em questão de minutos o espaço estava repleto de pessoas.

Um fato que muito nos chamou atenção foi o comentário de Donária - que como mencionamos no primeiro no relatório é evangélica - referente ao Encontro em Guaratinguetá. Ela contou que estava no Centro de Angra na hora em que o ônibus estava saindo. Disse que sentiu uma enorme vontade de seguir com o grupo, então perguntei o porque dela não ter saído, ela falou que não estava com dinheiro e nem com roupa.

Diferentemente da vez anterior, sentimos que Donária demonstrava estar mais à vontade para conversar e manifestar seu sentimento, acho que o fato de seu marido não estar presente contribui para que falasse de forma mais solta. Donária estava tão mais à vontade que permitiu que tirássemos uma foto sua.

Seguimos para a casa de seu Carmo e lá encontramos mais pessoas que da vez passada. Além de Cristina e Alcione, estava presente mais uma filha (Benedita – conhecida por Dita) de seu Carmo e outras pessoas que não se aproximaram.

Hávamos planejado somente conversar, mas estando reunidas com a família de seu Carmo, resolvemos registrar mais aquela conversa. A família unida foi relembrando o tempo em que não apenas dançava o jongo, mas também organizavam outras danças como: quadrilhas, reis, etc. A família era muito conhecida por mobilizar a comunidade a participar dessas festas.

Seu Carmo inclusive nos chamou atenção de quais seriam suas intenções com o jongo, caso estivesse bem de saúde, dizendo que:

*... se eu tivesse bom, eu ia mudar o jongo, ia fazer um jongo valsado.
Tipo como uma valsa sabe como é? Um balanço, a gente ia dançar o
jongo em balanço ... era capaz até de botar instrumento de corda pra poder
dar mais força ... eu ia fazer isso tudo, não deu pra mim chegar aí.
Mais lento, assim um ponto valsado, sabe como é né? Um ponto valsado, com
passada, né ... não era assim puladinho, porque o jongo é puladinho. É quase
assim um jeito de candomblé, que faz com as mãos assim né.
Não, mas o jongo tem uma parte aí também, e tem outra parte que é católica
de igreja também ... tem uma porção de mistério aí ...*

Relembrou os tempos em que fazia jongo junto com Tia Luiza. Seus olhos brilhavam de tanta satisfação quando falou de como era sua amizade com a jongueira, e destacou alguns fatos que para ele era mais importante nos relatar, como por exemplo, os pontos que um colocava para o outro, sendo eles os seguintes:

aí eu cheguei e parei o tambor ... eu disse: dona Luiza, posso cantar? Ela disse: o senhor quem sabe se quiser cantar pode. Aí eu fui e botei um ponto de jongo pra ela: Oh! Iaia. Oh! Iaia. A fruta quando é mucha o canário chega e chora. Aí ela foi e disse assim: eu ainda não to mucha não. Ainda não to mucha não. Eu disse: não dona Luiza eu botei esse ponto mas não to mexendo com a senhora não. Aí ela se dava muito comigo, ela cantava muito comigo, ela gostava de cantar jongo comigo.

Como já passava do horário de almoço de seu Carmo, tivemos que interromper a conversa e registrar o quanto havia sido importante para o Inventário do Jongo termos conhecido à família e suas histórias.

1.3. Ida a Vila Histórica de Mambucaba

No dia 16/12/03, conforme combinado, seguimos com Délcio para Mambucaba.

Durante o percurso da viagem fomos conversando com Délcio sobre vários assuntos referentes ao jongo. Ele nos contou que na sua infância não se fazia rodas para crianças, que também não mais existia os chamados pontos de demanda, e que este tipo de situação ocorria de forma combinada entre os parentes e amigos, ou seja, que os pontos já não deixava ninguém preso nas rodas. Nos contou das orientações de sua tia para quando fosse entrar nas rodas:

E aí foi quando tia Luiza falou, olha, quando for entrar então ... quando você for entrar, você pega e coloca esse ponto, esse ponto que eu vou te ensinar aqui: cheguei na angoma tinha muita diferença, quero cantar meu pontinho e meus pais velhos dão licença. E aí você pode cantar o seu ponto, porque você tá pedindo licença as pessoas de mais idade pra você poder cantar.

Ele falou de como começou o regate do jongo na região, quais foram os caminhos seguidos para mobilizar as pessoas para voltar a dançar. Délcio falou que sua visão a respeito do jongo havia mudado, que hoje tinha outra relação com a cultura negra e com o jongo, e que isto se dava

devido sua participação no *Movimento Negro*. O movimento teve papel significativo para o resgate da manifestação, e que este ocorria tanto por meio de divulgação quanto pelo grupo de capoeira da cidade, que fazia do jongo algo novo e encantador para a geração de descendentes de jongueiros. Segundo Dêlcio o movimento de resgate se deu da seguinte forma:

No sábado de manhã conversava pra caramba e a garotada ... e aí a garotada também ... eles iam na verdade é ... lembrando o que os pais falavam em casa e que não tinham muito valor falado em casa, mas tinha mais valor falado na roda de capoeira e a gente percebia que eles sentiam um certo orgulho de ta falando aquilo, embora um pouco de timidez ... o jongo ainda é uma coisa muito relacionado a macumba ... tem essa questão do preconceito com religiões afro. Então era muito legal e com isso a garotada meio que se apropriou um pouco mais da roda do jongo.

Por ter nascido em uma família tradicional de jongueiros, Dêlcio relembra com bastante saudosismo os tempos em que seus parentes realizavam rodas de jongo no Morro do Carmo. Mas que infelizmente isso não mais podia acontecer porque ou pessoas que dançavam foram morrendo ou estavam com problemas de saúde não dançam mais, como é o caso de Tia Luiza e Seu Carmo.

Ele contou também um pouco da história de Angra dos Reis, desde a sua descoberta, a economia que predominava na região, como ocorreu o processo de industrialização dando-se pela construção da Rio/Santos e com isso gerando expectativas de melhorias na vida das pessoas. Através de seu relato podemos perceber o quanto essa modernização modificou a vida cultural da comunidade.

Chegando em Mambucaba encontramos Lecir, uma das filhas de seu Sebastião – o jongueiro com que realizaríamos entrevista. Lecir é integrante do mesmo movimento que Dêlcio. Seu papel na comunidade é semelhante ao trabalho desempenhado por um presidente de uma associação de moradores. Embora, quando menina, tenha acompanhado o jongo na comunidade, achava que a pessoa mais indicada para falar de jongo era seu pai.

Segundo Lecir, a única contribuição que podia dar, era de que antes da construção da BR-101, a comunidade de Mambucaba era formada por 30 casas. Em dias de jongo – período das festas juninas: São Pedro, São João e Santo Antônio – toda a comunidade se mobilizava para a realização do evento. Os trabalhos eram divididos, as mulheres iam para roças buscar os alimentos, enquanto os homens saíam em busca das bebidas. Segundo Lecir o trabalho mais árduo cabia as mulheres.

Mas no decorrer da conversa percebemos o quanto de informações valiosas Lecir tinha a nos contar. Segundo ela as pessoas de sua família que mais dançavam jongo eram: seu pai, sua avó (Julia Maria da Conceição), sua tia Dolores e seu tio Licino. No decorrer da conversa ela relembra das comidas preparadas para as noites de festa:

Batata doce assada na brasa, aipim assado, milho, a maioria era tudo assado naquela roda ali, naquela fogueira ... tinha muita bebida, vinho, quentão e cachaça ... muito saco de pão ... biroro, cangaia, ai o biju era toda a hora, biju de folha ...

Com relação às roupas usadas e os instrumentos musicais utilizados Lecir nos conta que o jongo era tão presente na vida daquelas pessoas que sua avó já vestia aquele tipo de saia o ano inteiro, a diferença era que para o jongo eles caprichavam um pouco mais no colorido, sendo assim conta que as jongueiras:

Botava aqueles saião enorme, aquelas blusas toda cheia ... bastante flores ... a blusa de chita né ... aquele nosso pano favorito da época era chita, e um lenço na cabeça ... sempre é assim colorido ... eu não sei porque eles tem fascinação por essas cor verde bem forte e vermelho bem forte, e aqueles babado de renda bem grande ... pé descalço ... não dançava de sapato, era no chão mesmo.

Mas também eles não tinham instrumento, só tinha uma atabaca ... a barica quando eles achavam uma ... aquela barica eles colocavam couro de boi cru né, que esquentava na hora lá, no fogo, porque o jongo sempre ... era um copo de cachaça pra esquentar o tambor e dois litro pra cada um deles.

Outra questão do jongo levantada por Lecir foi os pontos de jongo, segundo a jongueira a hora dos pontos era o momento que as pessoas tinham para manifestar suas inquietações, ou seja, utilizando palavras dela, era o espaço para a *fofoca* da época e uma das pessoas mais visada era sua avó, ela fala o seguinte:

Era a fofoca de antigamente ... tinha alguém sempre traindo, sempre a coitada da minha avó tomava né ... porque ela sempre tava namorando o marido dos outros ... minha vó era muito namoradeira.

O jongo começava em torno das 18:00 horas e terminava por volta das 10:00 da manhã do dia seguinte. Nesse período eles dormiam e recomeçava a festa no meio da tarde do mesmo dia. Lecir

diz que o jongo tinha início na sua preparação, ou seja, desde o momento da coleta dos alimentos. Tem um trecho da entrevista que ela relata bem esse pensamento:

Eu acho que o jongo começa ali, o jongo começava na preparação do jongo ... a gente subia esse morro todo pra pegar lenha ... raspar mandioca pra fazer farinha ... madeira pra torrar café. Acho que o jongo, tudo começava ali .. um dia inteiro pra você catar lenha, arrancar aipim, colher batata, inhame, milho, e fazia no mesmo dia.

Embora Lecir achasse que não nossa conversa havia sido muito proveitosa para o complemento da pesquisa sobre o jongo.

Quando seu Sebastião retornou da rua, fomos apresentados a ele pelo Délcio. Ele disse que estávamos fazendo uma pesquisa sobre o jongo e que havia indicado seu nome para uma conversa sobre o assunto.

Sebastião do Nascimento, conhecido pelo apelido de Condongo, teve 11 filhos, sendo 8 mulheres e 3 homens. De todos os filhos somente Lecir e sua neta Janine (filha de Lecir) gostam de dançar jongo. Este fato parece deixá-lo triste, pois a primeira queixa relatada por ele é que os filhos não gostam nem mesmo de ouvir suas histórias sobre o jongo, e que é mais ouvido por pessoas desconhecidas, gente como nós que estávamos ali conversando com ele.

Seu Sebastião aprendeu a dançar com seu pai, tios e com Benedito Cruz (tio de Délcio), segundo ele essas foram algumas pessoas chaves que lhe permitiram conhecer um pouco do universo do jongo. Mas ao mesmo tempo cita outros nomes importantes e reconhecidos pela comunidade e diz ter ainda muito o que aprender sobre jongo.

Ele fala do jongo como algo pelo qual se deva ter respeito. Segundo o jongueiro para se chegar próximo a uma roda de jongo, o sujeito deveria esperar o momento certo, a hora que os mais velhos chamariam a participar da dança e de poder tocar o tambor. Ao mesmo tempo em que se deve respeitar uma roda de jongo ele relembra desse com muita satisfação, diz que:

e o jongo é uma coisa muito bonita, só quem não sabe o que é o jongo é quem nunca viu, o jongo é uma coisa que mexe pra mim hoje o jongo, ele mexe até com o sentimento assim com aquela saudade, com aquela coisa do passado ... porque hoje a gente vê ... se a gente for dançar um jongo hoje, se agente for parar pra pensar o que foi o jongo a uns 50 anos atrás a gente não sabe se dança, não sabe se chora né ... porque hoje você não tem um jongueiro mais, entendeu ...

Relembrou que as rodas de jongo tinham período certo para se fazer, dançava-se somente de noite; não se usava sapato para dançar, pois o sapato não deixa o sujeito com movimentos livres.

Dente os vários fatos importantes ocorridos em rodas de jongo o acontecimento que mais marcou a vida de Seu Sebastião foi um ponto colocado por sua sogra em uma das rodas que ele participou, e este ficou registrado até hoje em sua memória. A questão foi que sua sogra não aceitava seu casamento com sua filha, porque ela achava que ele era muito preguiçoso, então ela disse numa roda diante de todos que:

... você sabe que pinica doi, pra que você pinicou entendeu! quer dizer, eu era inocente, eu tava só batendo cajengue com o meu pai ali, e aí o pessoal abafou aquilo ali ... aquilo ali ... ih! Minha filha deu um ibope depois ... e eu to vendo o meu tio discutir com ela não faz assim com o rapaz, o rapaz não sabe o quê que é isso , o quê que é isso ... entendeu ... e eu ... aquilo ali pra mim era festa, eu ajudava, dava aquela maior força ... e ela falando comigo, a malvada da minha sogra ... ela queria dizer: se eu não podia casar pra quê que eu casei, entendeu ... com aquela linguagem assim ... o jongueiro ... aí depois eles pararam o bumbo entre eles lá ... finado Julio Maria que era meu tio, tio dele [do Dêlcio], começaram a discutir que não podia ter feito aquilo comigo ... pra que fazer aquilo ali ... e ele já botou outro ponto de jongo me desamarrando ... se não eu ficava a amarrado noite inteira naquilo ... ah! minha filha o outro ponto que ele colocou eu não [lembro], faz muito tempo que passou, eu só me lembro dela porque foi aonde ... ela fez essa maldade toda, né!

Mas embora tenha sido uma situação constrangedora Seu Sebastião diz que para ele o jongo foi, é e sempre será uma das festas mais bonita e emocionante que ele conhece. Lamenta apenas o fato de o jongo não ser da mesma forma que era antes, mas que a dança só se tem coisas boas, como por exemplo:

o jongo em si, o jongo ele é gostoso, quem dança jongo não tem problema de coluna, não tem problema de junta ... dor no joelho ... ele ... é por isso que hoje eu tenho problema de coluna, se eu tivesse no jongo ...

Terminando a conversa saímos para conhecer as construções tombadas de 1888, ruínas da casa da Princesa Isabel, dentre outras questões relevantes para a pesquisa.

1.4. Ida a Bracuí

Logo na entrada da comunidade de Bracuí, em uma escola municipal, encontramos Dona Clodilte. Infelizmente naquele momento acontecia um fato muito triste, o corpo de sua mãe (Maria Romão) estava sendo velado.

Seguimos para onde estava acontecendo o velório. Afinal estávamos na companhia de Délcio, e ele queria se despedir de dona Maria Romão – uma das jongueiras mais antiga e muito conhecida na comunidade e citada como um dos ícones do jongo.

No dia seguinte Délcio nos relatou sua insatisfação dizendo que seria extremamente lamentável voltarmos sem conversar com a família de Seu José Adriano. Embora achássemos impossível alguém querer falar de jongo, porém Délcio justificava que aquelas pessoas tinham uma relação com a morte diferente de nós.

As estradas de Bracuí não são asfaltadas, são de barro cercada por casas de pau-apique e pelo rio Bracuí. Fomos de carro até bem próximo a casa de Seu José Adriano, mas depois seguimos atravessando uma pequena ponte improvisada de madeira colocada por cima do rio Bracuí.

Seu nome completo é José Adriano da Silva, tem 80 anos de idade, nasceu, cresceu e sempre viveu no Bracuí. Teve 14 filhos, entre homens e mulheres, e diferentemente da família de Seu Sebastião de Mambucaba, sua família inteira dança jongo, inclusive seus netos. Dentre seus filhos quem mais se destaca para o jongo são Celina (que atualmente esta impedida de dançar por problemas nas pernas) e Luciana (primeira mulher na comunidade jongueira de Angra dos Reis a tocar tambor).

O jongueiro aprendeu a dançar o jongo com seus pais, Seu Adriano Martins da Silva e Dona Madalena da Conceição. Dos seis filhos que seus pais tiveram somente ele aprendeu a dançar, ele acha que isso se deu pelo fato das pessoas associarem o jongo com a macumba.

Seu José Adriano aprendeu a dançar jongo quando tinha entre 18 e 20 anos de idade, e diz que mesmo assim ainda sabe pouco do jongo. Ele que não sabe o significado de “abrir uma roda” diz que mais faz por tradição:

Pra abrir aquilo ali eu não sei ... eu não sei abrir ... eu só canto aquilo porque eu aprendi, que eu vi os outros cantando.

Com relação às bebidas e aos instrumentos musicais utilizados, Seu José Adriano chama atenção para o antigo processo preparação do primeiro e de confecção do segundo:

Eles fazia aquele tambor de madeira, né! ... porque era feito de madeira ... hoje em dia é um tambor de aperto, antigamente não. Antigamente era feito um cerco de madeira e encourado com couro de bicho ... catete, quexada, veado ... o sujeito esquentava no fogo, fazia uma fogueira, porque toda vida existiu a fogueira.

Ele fazia mucumbo, mucumbo que era a bebida dele ... mucumbo é feito do caldo de cana ... moi a cana, cõa aquele caldo, bota ele justamente numa vasilha que dar pra cumular, aí justamente deixa ali azedar porque aquele ali vai aquele formento [ele quer dizer fermentar]

O jongueiro fala com muita saudade não apenas do jongo, mas das outras danças que se fazia ali, citou algumas delas como: ciranda, marafa, calango, cana-verde, porém de todas a que era mais especial para ele era a folia de reis. Seus olhos brilharam quando relembrava o passado, parecia que vivencia todo o entusiasmo que as danças lhe proporcionou um dia, penso que por alguns momentos até chegou esquecer que havia acabado de perder sua sogra.

Embora Seu José Adriano seja uma pessoa muito simples, pois o relato de sua experiência de vida deixou isso muito claro, ele demonstrou em alguns pontos de jongo ser uma pessoa crítica com relação à questão política, e consciente dos direitos que o cidadão tem quando elege um candidato a um cargo público. Ele cantou três pontos de jongo que retratam bem o quadro político brasileiro, são eles:

1. Ninguém me apanha, ô gente ninguém me apanha, quando chega as eleições aparece o sem vergonha.

2. Eu tenho o meu sangue não corre, não circula, ô gente por caridade vamo experimentar o Lula.

3. Eu falei ninguém não me escutou, gente quando precisa cadê os vereador.

Realmente foi extremamente válido retornar a campo para registrar, seja por meio fotográfico ou sonoro, essa realidade do jongo não apresentada no Morro do Carmo. Tenho consciência de que a vivência dos jongueiros são semelhantes, mas hoje em dia o universo no qual estão inseridos é muito diferente do que um dia eles viveram. No Morro do Carmo principalmente, eles não têm nem mesmo espaço para dançar jongo; em Mambucaba, dentro da Vila tem um terreno onde as pessoas podem dançar jongo da mesma forma como eles aprenderam e gostam de dançar; a possibilidade de espaço para dançar o jongo também é

encontrada em Bracuí porém há um maior envolvimento familiar, como exemplifica a família de Seu José Adriano, permitindo assim que esta tradição esteja avivada.

Refletindo sobre essa diversidade de realidades apresentadas pelos jongueiros, principalmente no que se refere aos pontos de jongo, remetemos nosso pensamento a obra de Bateson, quando ele trabalha o papel do ritual naven na sociedade Iatmul, onde este funcionava como espaço de manutenção e integração do sistema social. E é exatamente desta forma que pensamos as rodas de jongo, as vemos enquanto espaço de disputa entre famílias, caso da sogra do Seu Sebastião, ou de quem faz o melhor ponto; crítica aos indivíduos que rompem, de certa forma, com as regras sociais, como é o caso das traições relatadas em Mambucaba; e também como mudança de status social, pelo menos no que se refere à inserção dos jongueiros antigos nas rodas de jongo, porque observamos nos depoimentos, que as pessoas tinham que atingir uma certa maturidade para ter a permissão dos mais velhos para entrar nas rodas, caso contrário, somente podia observar a apresentação. Mas quem somos para querermos adivinhar os mistérios que o jongo tem, se nem mesmo os mestres do jongo conseguem esclarecer todos os mistérios que o jongo guarda.